

FERNANDO CASTILHO

**DEPOIS QUE
DESCEMOS DAS
ÁRVORES**

Depois que Descemos da Árvores
CASTILHO, Fernando

ISBN: 978-85-518-1231-0
1ª Edição, Julho de 2018

CAPA: Fernando Castilho
271p.

Ciências da Vida, Ciências da Terra, Ciência Ambiental, filosofia, Ciência, Biografia e
Testemunho

São Paulo, 2018

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem a autorização prévia do autor

Para minha esposa Evelyn, amor eterno

PREFÁCIO

Escrever este livro não foi tarefa fácil, pois minha memória não é das melhores. Parece até um paradoxo escrever um livro recheado de memórias e não tê-las completamente.

Muitas pessoas possuem lembranças bastante completas e detalhadas de suas vidas, porém lembro com exatidão e fidelidade de passagens que me marcaram por algum motivo, fossem elas imagens fortes ou não. Agradáveis ou não. Por isso, tive que fazer um esforço para me lembrar de alguns fatos, no que fui auxiliado por minha mãe, Irka, cuja capacidade de se lembrar de acontecimentos contemporâneos à minha infância e adolescência foi fundamental, não só para me contestar em algumas passagens e me corrigir, mas também para confirmar momentos vividos que eu já duvidava que tivessem existido. Agradeço a ela por isso.

A tranquilidade para escrever me foi garantida por minha esposa Evelyn, que percebendo a grande importância que este livro tinha para mim, poupou-me de preocupações que pudessem interferir de forma negativa e impedir que conseguisse me expressar da maneira que desejava.

Não posso também me esquecer de meu falecido pai que aparece inúmeras vezes nestes escritos, vivo ou morto, sempre a me conduzir para que eu pudesse ter uma vida feliz.

O incentivo de amigos como Paulo Cavalcanti e Benedito Prezina também foram fundamentais para que levasse adiante o projeto.

Reconheço também a ajuda de Luiz Roncari, professor livre docente da USP, que opinou sobre vários trechos deste livro.

Ao longo deste percurso tive a grata satisfação de conhecer o Padre Javier Mateo Arana que me socorreu no

Latim, indispensável nos nomes dos capítulos.

Agradeço muito também ao Colégio Latino de Shiga, escola onde lecionava quando comecei a escrever este livro no Japão. Foi também graças aos meus queridos alunos, colegas professores e diretoria, que me senti encorajado nesta empreitada.

Não há como não prestar homenagem àqueles que me inspiraram e que me proporcionaram a base e a estrutura deste livro, os filósofos e homens de Ciência constantes na bibliografia consultada. Em particular, Isaac Newton a quem muito admiro, Carl Sagan e Friedrich Nietzsche, homem que nasceu póstumo e de espírito livre que me mostrou várias vezes que caminho seguir.

Não poderia deixar de lembrar de alguns amigos de infância e juventude mais próximos que me acompanham até hoje e que foram muito importantes no resgate de minhas memórias, André Takiya, Osvaldo Takeshi Oyakawa, Ricardo Egídio Comi (in memoriam), Cláudio Finzi Foá e Johanness Eck, entre outros.

Como estes escritos não são teses acadêmicas e nem teriam a pretensão de ser, poupei-me de grandes rigores científicos, preocupando-me somente em extrair de textos de autores com os quais me identifico, o embasamento necessário para aquilo que queria expressar. Mantive, porém, algumas notas de rodapé por considerar que explicações complementares seriam necessárias.

É um ensaio sobre as memórias dos seres humanos, portanto.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
HOMO FAMILIARIS.....	8
HOMO RELIGIOSUS.....	73
HOMO AMATORIS.....	128
HOMO ETHICE.....	159
HOMO POTENS.....	198
HOMO EXTINCTUS.....	221
HOMO CONCIOUS.....	241
EVOLUÇÃO SIMPLIFICADA DO SER HUMANO.....	257
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E ABSORVIDA.....	258

INTRODUÇÃO

“A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.”

Friedrich Nietzsche

A inquietação sempre me acompanhou, desde tenra idade. Agora a coloco em livro.

A História humana não pode ser abordada, mesmo que superficialmente, como neste presente caso, como algo absoluto como erram muitos nos dias de hoje. A perspectiva histórica de fatos e acontecimentos sempre é relativa, sempre relaciona, pois é dinâmica e muitas vezes se repete em ciclos ou empreende avanços e retrocessos ao longo do tempo.

Por desconhecimento ou indigência, é quase consenso no Ocidente que a intolerância religiosa do Estado Islâmico, que sempre condenaremos, é algo sem precedentes no mundo. Esquecem-se das campanhas das Cruzadas que perseguiram o Islamismo em sua terra natal causando a morte de milhares de muçulmanos.

Pretendo um livro onde coloco lado a lado temas extraídos de reminiscências do passado e os mesmos temas vividos pelos antepassados longínquos do homem, os Homo Erectus e os Homo Sapiens, inserindo nestes últimos, o homem grego, o medieval, o moderno e também o pós moderno, compondo uma espécie de mosaico de períodos de tempo que se alternam sem a preocupação em seguir nenhuma sequência

lógica. Várias viagens no tempo, portanto.

Não se trata também de fazer exercício de futurologia, uma vez que o determinismo histórico é uma falácia, pois a História vai se construindo e desconstruindo ao longo do tempo, às vezes com velocidade vertiginosa, às vezes lentamente, como na longa Idade Média. O que é possível se fazer é refletir de que maneira o ser humano poderá construir um bom futuro para ele e para o planeta. Isso será tratado mais ao final.

As guinadas de 180° nos rumos da História são muito numerosas e mostram que muitas vezes pequenos fatos aos quais não damos a devida atenção podem assumir grandes proporções e mudar tudo de uma hora para outra. Além disso, as transformações vão acontecendo nos dias de hoje em velocidade cada vez mais acelerada, dificultando qualquer tentativa de reflexão sobre o futuro, mesmo que próximo. Mas há possíveis caminhos a seguir.

Para mim, muitos anos e para o ser humano, muitos milênios de perguntas sem respostas.

Desde que começamos a raciocinar, as tentativas de responder às questões que sempre nos afligiram nunca cessaram.

Alguns podem ter chegado mais perto da verdade, outros nem tanto.

Enquanto éramos Homo Erectus, perguntas como “de onde viemos”, “para onde vamos”, “qual meu papel no mundo” nunca precisaram ser formuladas, pois vivíamos em estado de natureza como os demais animais, guiados somente pelo instinto que nos impunha a necessidade de sobreviver e perpetuar a espécie. Não faziam, portanto, sentido.

Se não tivéssemos evoluído para Homo Sapiens, nunca teríamos parado para refletir sobre a família, a religião, o amor, a ética, etc..

Foi essa evolução que nos iluminou ou causou nossa

desgraça, como queiram.

De qualquer forma, a fagulha da inquietação foi acesa em nossas mentes e somente se fez crescer. Hoje, quando o futuro da Humanidade parece cada vez mais ameaçado, ela nos queima, a alguns.

Embora essa inquietação se instalasse em nossos pensamentos, ela nunca atingiu parcela significativa da população mundial a ponto de provocar uma reflexão coletiva sobre o que está acontecendo conosco.

Se tivesse, talvez a tolerância e a aceitação das diferenças teria evitado a maioria das desavenças, das mortes e das guerras.

Se tivesse, talvez a História pudesse ter se desenrolado de outra forma e as Primeira e Segunda Grandes Guerras não teriam existido.

Se tivesse, talvez 108 milhões de pessoas (1,5% da população mundial), principalmente crianças, não estariam hoje na miséria absoluta sem ter o que comer.

Enfim, se tivesse, não estaríamos tão apreensivos com o cenário de futuro incerto que nos amedronta.

Minha irmã certo dia disse que se emocionava sempre que via alguém passando fome, em dificuldades ou injustiçada. Dizia ela que é porque é muito humana.

Na realidade, possuir essa capacidade de empatia pode não significar ser humano. Pode, na verdade, significar não ser humano.

Os animais não-humanos são incapazes de matar outros seres para conseguir algum tipo de vantagem. São incapazes de exterminar outros semelhantes. Mas os seres humanos sim, haja vista as crueldades cometidas pelas conquistas obtidas à força pelos impérios ao longo da História, a escravidão que sempre existiu desde o começo dos tempos, o morticínio de milhões de judeus no holocausto ou as duas bombas atômicas lançadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, onde morreram

milhares de inocentes.

Portanto, quando alguém se qualificar como empático e bom, pode ser melhor se referir a si próprio como não humano.

É certo que inúmeras revoluções ocorreram ao longo da História, procurando talvez aperfeiçoar o ser humano, acabando com injustiças e corrigindo o rumo da História. Mas elas talvez tenham apenas adiado o que teria que vir, inexoravelmente.

Ao longo dos milênios, as transformações foram ocorrendo e se sobrepondo umas às outras sem que nos déssemos conta e sem que refletíssemos quanto à sua importância. Pior, fomos nos adaptando e nos conformando a ponto de sermos o que somos hoje.

Somos produto de um sistema que ao exagerar em nos libertar da inexorável necessidade de seguirmos nossos instintos e dar vazão à nossas pulsões, como os demais animais, nos escravizou para sempre sem que tivéssemos percebido.

Um faminto, por ficar dias sem se alimentar, quando lhe é oferecida comida, devora tudo rapidamente e repete o prato várias vezes para poder se manter para os próximos incertos dias.

Da mesma forma, mesmo que inconscientemente, ao pressentirmos que a população mundial aumenta exponencialmente, assim como a escassez de matéria-prima e de energia, procuramos amealhar para nós mesmos o maior número de bens de consumo para que, num futuro próximo, egoisticamente, possamos garantir certo conforto em meio às dificuldades enfrentadas por outros que não tiveram a mesma preocupação. Nunca antes a fábula da cigarra e da formiga se fez tão presente.

Parece que o instinto de sobrevivência, comum a todos os animais, nos conduz a isso. Porém, nos esquecemos da perpetuação da espécie.

Desta forma, paradoxalmente nos guiamos irracionalmente movidos pela razão.

Uma razão que pretendia nos dar o livre arbítrio e que prometia que pudéssemos sentar, somente nós, privilegiados humanos racionais, ao lado do Criador.

Alguns fatos narrados em minhas reminiscências contêm elementos de realismo fantástico que podem parecer estranhos, divertidos e às vezes desinteressantes ao leitor do século XXI, porém afirmo que em minha Macondo¹ pessoal esses fatos são pura realidade de um mundo que existiu há apenas algumas décadas atrás e que não é mais possível nos dias de hoje.

Agostinho de Hipona², lá pelo ano 400, afirmou que se alguém lhe perguntasse o que é o Tempo, ele diria que sabia, porém, não conseguiria explicar.

Mesmo assim, o filósofo, que mais tarde seria conhecido como Santo Agostinho, falou sobre as três partes que compõem o Tempo.

Sobre o passado, Agostinho reflete que, por já ter sido, não mais é. E se não mais é, não existe.

Sobre o futuro, conjecturou que, por ainda não ser, não é. E se ainda não é, também não existe.

E finalmente sobre o presente, imaginou que este, por significar um instante que já no instante seguinte se torna passado, também, como o passado, não pode existir.

1 Em Cem Anos de Solidão, o escritor colombiano, Gabriel García Márquez descreve Macondo como uma aldeia pacata em que vivem trezentas pessoas. Fora construída pelo personagem José Arcadio Buendía na sua juventude, quando com os homens dele, mulheres e crianças e animais, atravessaram a serra procurando uma saída para conquistar o mar. Após vinte e seis meses de luta, desistiram e fundaram a fictícia Macondo no lugar onde José Arcadio Buendía havia sonhado com uma cidade onde as casas tinham paredes de espelho. Macondo foi baseada na cidade de Aracataca, onde Gabriel G. Marquez viveu parte da sua infância.

2 Agostinho de Hipona foi um importante bispo cristão e teólogo que nasceu na região norte da África em 354 e morreu em 430. As obras de Santo Agostinho influenciaram muito o pensamento teológico da Igreja Católica na Idade Média.

Mas Agostinho nos tranquiliza ao afirmar que o passado está gravado em nossas memórias, portanto podemos recorrer a ele sempre que precisarmos.

Devido às transformações em nossa biologia que ocorrem ao longo de anos, e no meu caso, ao longo de dezenas de anos, todas as células de meu corpo já foram substituídas inúmeras vezes. Mesmo o meu DNA já pode ter sido alterado sem que eu perceba e meus neurônios, se colocados lado a lado daqueles originais dos tempos de criança, podem não mais se reconhecer mutuamente. Além disso, quando somos crianças temos um enorme Hard Disk praticamente vazio que vai se enchendo com o passar dos anos e necessita ocupar parte da área que antes abrigava nossa memória. Daí, alguma possível imprecisão involuntária nos fatos que vou relatar.

Devo também reconhecer que minha memória nunca foi meu forte, motivo pelo qual não há aqui um livro de memórias como nos acostumamos a ler, mas somente as situações mais marcantes as quais nunca me esqueci.

Lembro, por fim ao leitor, que inúmeras fontes listadas no final deste livro foram consultadas, o que confere certo rigor científico, porém é fato que os assuntos tratados aqui poderão sofrer atualizações ou mesmo contestações sempre que uma nova descoberta for feita.

É a Ciência sempre em evolução.

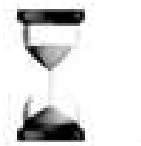


Philippe de Champaigne – Santo Agostinho

HOMO FAMILIARIS

“A mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a da família. As crianças apenas permanecem ligadas ao pai o tempo necessário que dele necessitam para a sua conservação. Assim que cesse tal necessidade, dissolve-se o laço natural. As crianças, eximidas da obediência devida ao pai, o pai isento dos cuidados devidos aos filhos, reentram todos igualmente na independência. Se continuam a permanecer unidos, já não é naturalmente, mas voluntariamente, e a própria família apenas se mantém por convenção.”

Jean-Jacques Rousseau



O ano devia ser 1958, mais ou menos. Tinha na época uns quatro anos, uma idade em que já é possível guardar alguma memória (em preto e branco!) da infância. É, portanto, minha primeira lembrança.

Um dia de sol, céu limpo e muito calor, um domingo. Meu pai estava de folga.

Era um homem alto, um tipo nórdico que ostentava um início de calvície precoce que lhe dava um cartão ar imponente. Seu nome era Éros.

Éros, filho de Afrodite, era considerado pela mitologia

grega, como o deus do amor. Entre os romanos, era conhecido como Cupido, que em latim tem o sentido de amor.

Éros sempre portava um feixe de flechas nas costas. Bastava uma flechada dele para que a vítima atingida imediatamente se apaixonasse perdidamente por uma pessoa próxima.

Meu pai era um homem predominantemente calado. Constatei na juventude que em conversas ou discussões falava pouco e mantinha-se a maior parte do tempo calado. Quando o calor das vozes diminuía, era aí que ele começava, demonstrando ter prestado atenção nos argumentos das várias partes e dando como que uma palavra final que era respeitada.

Caminhava junto a ele, de calças curtas com suspensórios, por uma rua da periferia da cidade de São Paulo, próxima ao Jardim São Luís, onde morávamos numa casa simples com uma enorme paineira na frente. Hoje em dia, há um motel, o Frenesi, nesse local.

No colo de meu pai se acomodava, irrequieto como sempre, meu irmão, um ano e oito meses mais novo.

Voltávamos da feira livre à pé, pois, como quase todas as pessoas pobres que por lá moravam, não tínhamos carro. Uma caminhada que naquela época me parecia muito longa, talvez devido às minhas pernas curtas de criança.

Meu pai carregava na mão direita uma sacola de lona verde, a sacola de feira, felizmente cheia, das compras para a semana. Eram coisas que não criávamos ou plantávamos no quintal de casa. Naquela época não havia supermercados.

A rua, que hoje é uma avenida, já era de asfalto, porém não havia calçadas. Íamos beirando o mato verde que crescia à margem, descuidadamente, sem ser capinado.

O cheiro que vinha do curtume mais a frente, trazido pelo vento, era forte e nauseante. Perguntei a meu pai que cheiro era aquele. Usam a pele de porcos para fazer couro para bolsas, respondeu-me o homem que não costumava falar muito.